



GT 41. Etnografia nas cidades e narrativas imagéticas

Coordenador(es):

Jesus Marmanillo Pereira (UFMA - Universidade Federal do Maranhão)

Cornelia Eckert (UFRGS)

As cidades em suas complexidades e contradições, suas transformações e suas crises, suas dinâmicas e diferenças são questões antropológicas que receberam importante atenção nos estudos etnográficos. Pesquisas que ao portarem atenção aos antagonismos, aos conflitos e segregações consolidam a prática antropológica e produzem um profícuo debate com base em etnografias urbanas. Elas sinalizam a desnaturalização de realidades sociais, violências, injustiças, discriminações, e disjunções que marcam tais cenários. Não raro, focalizam-se sobre as formas de sociabilidade, os códigos de emoções, as redes de solidariedade, os lugares de identidades e sobre os nós de memórias nos espaços e nos tempos vividos pelos cidadãos, nas territorialidades de convívio ou de pertença. Ao atentarmos para estas produções, percebemos a recorrência à produção de narrativas imagéticas a partir de diferentes suportes como fotográficos, videográficos, fílmicos, sonoros, desenhos e performances. Produção que constitui a estética e estilística da etnografia, e que circula em outras formas relacionadas à pesquisa antropológica: exposições fotográficas, mostras fílmicas, expressões artísticas, audições, em redes sociais online e na web. Buscamos pesquisas que reflitam sobre o urbano, a partir de etnografias que dialoguem com tais representações imagéticas, que apontem para as relações de poder, configurações no campo de pesquisa, memórias e a complexidade das urbes nos diferentes contextos, locais e global.

Catumbi revisitado: uma reflexão etnográfica sobre a identidade social de um bairro a partir de movimentos urbanos no Rio de Janeiro

Autoria: Debora Pereira Faria (UFF - Universidade Federal Fluminense), Debora Pereira Faria

Este work procura discutir sobre a identidade social do bairro do Catumbi, município do Rio de Janeiro, com base em três eixos principais: sua história; o movimento dos moradores do bairro ocorrido nos anos 1960 e 1970, que resultou em desapropriações e demolições na região; o Movimento de Trabalhadores Cristãos (ou ACO, Ação Católica Operária), sediado no bairro. Abordarei o tema das intervenções urbanas sofridas pelo bairro ao longo dos anos, como a construção do túnel Santa Bárbara e da Linha Lilás, e suas consequências para a região e seus moradores. Uma delas é a oposição entre os moradores antigos e os moradores novos. Os primeiros têm receio de que seus costumes se percam com a vinda de pessoas de fora. Estes últimos chegam com seu próprio modo de vida e são cobrados pelos moradores antigos para que se adaptem ao modo de vida local. Esta nova situação é trazida pelas diversas intervenções por que o bairro passou, que levou também às demolições e expulsão de moradores antigos do bairro. O Movimento de Trabalhadores Cristãos, MTC, é um movimento ligado à igreja, mas não é subordinado à instituição. Não é um movimento de massa. Inicialmente o MTC era ligado à paróquia através do pároco da igreja do bairro, Nossa Senhora da Salette, Pe. Mário Prigol, falecido em novembro de 2018. Agora, após sua morte, a relação entre o MTC e a igreja está se desfazendo. Padre Mário foi muito atuante no movimento de moradores e nas favelas do bairro, sendo muito bem querido por todos. Este estudo realiza por meio de work de campo (observação direta) e análise documental e se apoia ainda em outros três works sobre o Catumbi. ?Catumbi, a rebelião de um povo traído?, de Guida Nunes, que trata do movimento de 1960 e 1970 como um caso de especulação imobiliária. O livro ?Movimentos urbanos no Rio de Janeiro?, de Carlos Nelson Ferreira dos Santos, que trata do mesmo período, mas como um caso de formação de um movimento urbano. O livro ?Quando a rua vira casa?, de Marco Antônio da Silva Mello e Arno Vogel, um estudo comparado sobre apropriação de espaços públicos



para fins de lazer, realizado no fim dos anos 1970 e início dos anos 1980. Este último work muito contribui para a compreensão do modo de vida local e a sua defesa pelos então moradores no contexto das intervenções urbanas. Foram utilizados também alguns documentos aos quais tive acesso na igreja da Salette e que pertenciam a Pe, Mário, como um levantamento sócio-econômico feito pelos próprios moradores no início dos anos 1970 para impedir as desapropriações.

[Trabalho completo](#)



Sobre a 32 RBA

Em 2020, a Reunião Brasileira de Antropologia vai ocorrer de modo remoto entre os dias 30 de outubro e 06 de novembro. O evento é realização da Associação Brasileira de Antropologia e da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), palco de muitas histórias de luta pela afirmação do caráter público e socialmente comprometido do conhecimento que produzimos. Estarão em discussão, na 32ª RBA, não apenas os diversos temas que constituem o verdadeiro tesouro investigativo que a antropologia brasileira forjou ao longo de várias décadas, mas também as graves questões colocadas pelo inquietante contexto social e político atual. Nele, vislumbram-se inúmeros desafios a direitos consagrados pela Constituição Brasileira e a valores éticos centrais à atuação das e dos antropólogos, especialmente o respeito às diferenças sociais, culturais e políticas, baseadas em etnia, raça, religião, classe, gênero, sexualidade, origem regional, nacionalidade, capacidades corporais etc. Hoje, mais que em qualquer outro momento histórico, os saberes antropológicos são veementemente instados a aprofundar a análise dos muitos problemas nacionais, entre os quais, a crescente desigualdade social, a real vulnerabilidade de grupos e populações e os elevados índices de violência no campo e nas cidades. Que a 32ª RBA possa trazer contribuição relevante ao país e à comunidade antropológica brasileira, em seu contínuo e árduo trabalho de refinar saberes insubmissos a todas as forças e poderes que ameacem a diversidade humana e naturalizem as desigualdades sociais.

Realização:



Apoio:



Organização: